

Por uma Espiritualidade Integral

Tenho falado de uma “contaminação patriarcal das religiões” e tal expressão traz o sentimento implícito de que seria desejável que houvesse uma espiritualidade não contaminada pelo poder ou pela política.

Parece-me que as religiões nasceram de uma fonte pura, mas entraram no decorrer do tempo em um mundo psico-cultural muito distante de constituir em uma encarnação da sabedoria e da compaixão. Em um mundo assim, a verdade, não só não é reconhecida, como também geralmente termina por ser vitimizada. E por isso pode-se esperar que um grupo de seres espiritualmente despertados tenha que fazer algo especial para sobreviver e prosperar.

Diante desta condição invertida do mundo com respeito à verdade, a atitude de Buda foi de propor uma retirada monástica, ou seja; um “viver a verdade” longe da aberração psico-social imperante.

A resposta do taoísmo, ao contrário foi a do ocultamento, o que lhe permitiu ser, por sua vez, a mais esotérica das tradições espirituais, na qual os seus iniciados ocultamente se mesclaram com a vida de todos.

Mas as tradições abrahâmicas foram mais *diplomáticas*: adotaram a linguagem da cultura em que surgiram, e para triunfar em um mundo autoritário se tornaram autoritárias.

Para realizar um ensinamento espiritual, uma coisa é comunicar uma visão das coisas, outra coisa é ditar o que as pessoas devem pensar, sob a pena de perseguição ou isolamento. E o mesmo se dá a respeito da esfera de ação: há uma grande diferença entre o conselho e a obrigação ou proibição. Mas na tradição judaico-cristã ficamos acostumados à concepção da religião como lei: uma lei que manda castigar a transgressão não só nesta terra, mas também, presumidamente, mais além.

E a religião não só compreende prescrições relativas às práticas religiosas, como, também a autoridade dessa lei se estende especialmente a prescrições morais que ditam como se deve viver a cada momento.

Desde os dias míticos de Moisés, nos acostumamos aos mandamentos. Supostamente, eles existem para nosso próprio bem. O problema sem dúvida é que nossas crenças, que se dizem inculcadas por uma autoridade temível, se tornam um obstáculo para a verdadeira compreensão do seu conteúdo, de modo que a moral compulsiva se torna um moralismo, e este moralismo implica a instituição de um estado policial intra-psíquico que pode muito bem controlar a conduta, mas interfere com um desenvolvimento ético profundo ou superior.

Tão acostumados estamos a que o moralismo nos diga que devemos ser morais que já não nos damos conta do como ele entranha uma manobra de poder que declara as pessoas más ou boas e impera sobre elas desde uma posição de implícita superioridade. Assim, não só o moralismo é secretamente imoral ao pôr o menosprezo a serviço da dominação, como também é uma enfermidade quando o

voltamos contra nós mesmos – por mais que ele constitua um mal tão generalizado e idealizado em todo o mundo civilizado que não o percebamos como tal.

Mas façamos agora a um “experimento do pensamento”: imaginemos um mundo saudável, em que a religião deixara de ser autoritária e dogmática. Acaso não anteciparíamos que uma vez desaparecidas as paredes artificiais que foram erguidas entre as distintas tradições religiosas, naturalmente ocorreria o que ocorreu na ciência e na arte, dando lugar assim a uma integração entre as muitas correntes históricas de criatividade espiritual?

É normal que todas as contribuições criativas de uma esfera determinada da cultura vão se integrando, só que no campo da religião, o ecumenismo que seria o mais natural, sofreu a interferência da tendência hegemônica de cada uma das propostas espirituais em competição entre elas.

Mahatma Gandhi dizia que afirmava todas as religiões pelo que elas afirmavam e negava nelas aquilo que elas negavam. E, é claro que as religiões compartilham as propostas de que tratemos de ser pessoas melhores e que descubramos a dimensão contemplativa da existência. Mas, também tem em comum, desgraçadamente, o arrogar-se a supremacia.

Porém, se imaginarmos um futuro no qual a religião tenha se curado desse mal patriarcal que se manifesta na forma de um espírito hegemônico de supremacia e conquista, isso nos permitirá prever uma integração natural das diversas contribuições válidas à vida religiosa que foram surgindo ao longo das distintas culturas, lugares e tempos.

E, assim como no mundo da ciência se desenvolveu a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, se esperaria que no mundo espiritual também surgisse um espírito mais intercultural e transdisciplinar, não só entre as religiões como também entre os âmbitos da religião e da psicoterapia.

A psicoterapia parece algo recente comparado com a religião, que vinha dominando o mundo por milênios. Ademais, o fato de que, às vezes, alguns psicoterapeutas, assim como alguns religiosos, não sejam tão bons, contribui, a nosso ver, para que estes dois âmbitos evitem ser comparados. Mas o espírito da psicoterapia é de um caminho: um caminho interpessoal, ou para usar a expressão hindú, um *ioga* interpessoal. E, ainda que nossa cultura nos tenha condicionado a chamar certas coisas espirituais e outras não, creio que já é hora de que reconheçamos nossa parcialidade, e que não nos acautelemos das dimensões espirituais ocultas mais importantes da psicoterapia.

O que nós chamamos psicoterapia é uma combinação de pelo menos duas coisas: o autoconhecimento e a liberação dos desejos, e particularmente da instintividade animal, que coincide com a criança interior. O psicoterapeuta ajuda as pessoas a perceber o que ela quer e que não conseguiu ainda, colocar em palavras. Ajudar as pessoas a perceber o que elas querem, também segue em paralelo com dar-se conta das proibições implícitas a respeito daquilo que se *deve* desejar, e da conseqüente culpa. A maioria das pessoas nem sequer sabem até que ponto se sentem culpadas de desejar certas coisas e até que ponto carecem da liberdade de gozá-las. Esta foi

uma grande descoberta de Freud, apesar de que só Marcuse tenha chegado a torná-la totalmente explícita: - o abismo e o antagonismo entre a civilização e o Eros, pelos quais o princípio do prazer vem sendo domesticado e castrado de geração em geração através da história da vida civilizada. E, enquanto a liberação da vida e da cultura parece ser irrelevante à nossa aspiração e busca espiritual (tendo em conta o espírito ascético do cristianismo) não restam dúvidas de que o princípio do prazer foi considerado um importante aspecto da religião antes da era patriarcal.

De acordo com Alain Daniélou, um dos mais originais historiadores da religião, do século XX, a religião comum na Europa, antes de chegarem a prevalecer os deuses olímpicos dos conquistadores indo-europeus, foi a Dionisíaca, e a divindade chamada Dionísio na Europa coincidia com a que era chamada de Shiva na Índia. Assim, quando Alexandre, o Grande, atravessou o Afeganistão e chegou à Índia com suas tropas, os iniciados nos mistérios de Dionísio, que viajavam com ele, se encontraram com os iniciados de Shiva, se saudaram e se reconheceram como irmãos, porque lhes ficava claro que eram seguidores de um único caminho. Era uma religião do natural, tanto na natureza como na mente, uma religião que reconhecia a sacralidade da vida como é, e na qual podemos reconhecer o cunho do espírito matriarcal de épocas anteriores.

Parece-nos como se, na origem da civilização, houvesse sido mudada a ênfase da vida espiritual, da imanência para a transcendência. Diz-se que quando os nossos antepassados descobriram a religião do céu, as divindades celestes substituíram o culto das divindades tectónicas; mas eu suspeito que a transcendência já era bem conhecida para os xamãs pré-históricos do período matriarcal, e que a mudança que ocorreu foi mais política, mitológica e dogmática do que uma verdadeira evolução da consciência.

Não posso porém deter-me a provar tal coisa, naquilo que é só uma intuição sobre o tema a que me propus, e me conformarei expressando só a minha convicção de que, em sua origem, o patriarcado foi mais uma questão de poder político do que uma evolução da consciência. E, que, se quisermos entender o patriarcado em termos de consciência, devemos vê-lo como a essência daquilo que a linguagem mitológica descreve como “a queda” – uma vez que a arqueologia nos diz que com o patriarcado começaram as guerras e a injustiça social.

É claro, para os especialistas, que a religião patriarcal esteve sempre a serviço do Estado, e parece-me igualmente claro que uma vez que a opressão das mulheres tornou-se realidade, os valores matriarcais – vida, fertilidade e solidariedade tribais – tornaram-se subordinados aos da transcendência e eclipsados pelos ideais guerreiros e ascéticos. Assim, quando ganhou a religião do céu, em seu nome foi proibida a religião da terra, e não integradas a valoração da transcendência e da imanência.

Sem dúvida, essa transição, do matriarcado para o patriarcado, deve ter sido gradual e agora se acredita que a narrativa bíblica (que as investigações indicam que não foi obra de nem de Moisés nem mesmo dos sacerdotes dos tempos do rei

Salomão, mas sim mais tardia, durante o reinado de Josias) exagera muito no monoteísmo do povo de Israel.

Um curioso sinal dessa transição na história da religião judaica é o fato conhecido de que se manteve no templo de Jerusalém a figura esculpida de uma serpente, e à luz da moderna arqueologia entendê-la como um sinal arcaico da natureza e da grande mãe. Podemos supor que, apesar da demonização da serpente no Gênesis, a figura conservou-se ali na medida em que se respeitava uma tradição milenar. Além disso, quando lemos o livro de Enoch, apócrifo do Antigo Testamento que contém a história da queda dos anjos, descobrimos nele que os mais altos anjos (aqueles que apenas cantam hosanas ao Senhor) têm corpos de crocodilo, com três pares de asas. E não nos esqueçamos que a tampa da Arca da Aliança, em que se guardavam as taboas da lei e sobre a qual se pensava que pousava a divindade, tinha a forma de dois Querubins, concebidos com a forma de dragões. Devemos compreender essas imagens como um resíduo de uma antiga concepção da sacralidade, como algo não só superior ou celestial, mas sim como algo intimamente relacionado com o mundo animal, e particularmente com o mundo animal mais arcaico, como o reptiliano. Nesse resíduo se faz presente a intuição de uma coincidência entre o mais alto e o mais profundo, próprio de uma consciência muito primitiva, e, portanto básica, que hoje em dia podemos pensar estar relacionada com o nosso cérebro reptiliano, com o qual perdemos o contato.

Mas já me estendi muito nesta introdução, e é melhor que passe a abordar o meu tema, que entendo como o de considerar o que poderia ser uma espiritualidade integral adequada para o nosso tempo: uma espiritualidade que se corresponda com as facetas naturais da mente humana e com as dimensões universais da vida e do espírito.

Imaginemos agora que surja um dia tal forma de espiritualidade em que esteja representada cada uma das dimensões da vida espiritual e da autorealização.

Para fazer isso, naturalmente, temos de perguntar-nos de antemão quais e quantas são as dimensões da mente que esperamos ver reconciliadas por tal curriculum espiritual completo.

Os Hindus, que foram, talvez, a mais ecumênica das culturas, conheceram desde a antiguidade um certo número de *iogas (caminhos)*. E assim falam de um caminho da ação, um caminho devocional ou do amor, uma via do conhecimento, e um quarto caminho (também chamado de *caminho real*), que se centra sobre a consciência mesma, cultivado através da meditação.

Creio que esta distinção corresponde à própria estrutura da mente humana. Já Brentano, nos primórdios da psicologia, observou a distinção entre pensar, sentir e querer. Mas agora sabemos mais, pois se descobriu a estreita relação entre essas faculdades e os três níveis de evolução do cérebro (que é muitas vezes referido como três cérebros). Temos um cérebro reptiliano, que é o mais primitivo e podemos chamar instintivo. Logo depois, desenvolvemos a parte do cérebro chamada “cérebro médio” ou sistema límbico, que herdamos dos mamíferos,

juntamente com a maternidade e o amor materno. E, nesse amor materno, podemos reconhecer as raízes biológicas do amor ao próximo, pois se trata de uma relação em que um indivíduo percebe ao outro e se comporta, em direção a esse tal outro, como em direção a um outro eu, mais do que em direção a um estranho, e é a este outro, que não é propriamente um outro, que nós chamamos um "tu" (o que os santos e as diferentes tradições espirituais tem em especial é que conseguiram desenvolver esta qualidade de amor materno até seu limite extremo, tornando-o universal ou incondicional). Por último, há a parte do cérebro propriamente humana: o neocórtex, intimamente associada à função intelectual, que nos faz *homo sapiens*.

Mas falar de nós em termos de “três cérebros”, por mais que seja sugestivo, é só falar de nosso corpo. E ainda falar de nossas faculdades psicológicas de pensar, sentir e querer é falar o idioma abstrato e objetivante da ciência, já que nossa vida psicológica é uma experiência vivida, razão pela qual convém que nos interessemos no aspecto psíquico e fenomenológico de nossos cérebros.

Freud descreveu a neurose, como uma condição em que certas províncias de nossa mente (as “instâncias psíquicas” como ele as chama desde então) estão divididas entre elas pelo conflito. Chamou "*superego*" àquela que funciona como um pai crítico interiorizado, outra de *id*, ou seja, a voz do instinto, na qual a cultura nos ensina a não confiar, e, por fim, "Eu" ou “ego” a essa parte de nós que tenta conciliar as outras duas, ainda que se veja dolorosamente dividida entre essas demandas contrastantes.

Por útil que seja a concepção freudiana de neurose, em que uma pessoa saudável é aquela em que estas três vozes internas não estão em tanto conflito, mas com algum grau de colaboração, eu, pessoalmente, me interessei muito na visão da autorealização como um abraço intrapsíquico entre estas três partes da mente.

Tendo em vista que Freud, ao se interessar especialmente na dissociação intrapsíquica, nos deu uma descrição de uma condição perturbada das instâncias psíquicas na neurose, na qual o *superego* se tornou excessivamente agressivo, o *Id* excessivamente perigoso e o *ego* excessivamente impotente, eu prefiro pensar no *id* como a "*criança interior*", o *superego* como o "*pai interior*", e o *ego* como uma instância potencialmente amorosa, conciliadora e maternal, que, em virtude da sua subordinação culturalmente sancionada ao poder do pai, tenha traído o filho, deixando-nos com um coração vazio.

Além disso, penso que a tríade intrapsíquica de pai-mãe-filho, não só diz respeito às faculdades de saber amar e querer, mas também a três modalidades do amor, só que na nossa condição de neurose universal (chame-se ela pecado, mente samsárica ou o que seja) as nossas três pessoas interiores, longe de constituir uma família unida e feliz, são uma família disfuncional, em que pelo menos uma ou outra das pessoas (com a sua respectiva capacidade amorosa) se vê excluída ou antagonizada. Assim, algumas pessoas são bondosas e empáticas (ou seja, dotadas com as características do amor materno), embora talvez com pouca capacidade de gozo.

Outras pessoas são predominantemente eróticas e outras, ainda, têm o dom da apreciação, que resulta da relação original da criança com o pai. Mas a maioria de nós fica pobre em algum dos três amores, quer seja a capacidade de interessar-se pelo bem de outrem (*ágape*) no amor apreciativo e respeitoso que decorre do amor ao pai ou no amor próprio da criança interior (*Eros*), com seu dom de gozar e, dessa maneira incompletos, nos sentimos carentes.

Gurdjieff, que foi uma das principais influências no meu desenvolvimento pessoal, atribuía a desastrosa situação da humanidade à incapacidade generalizada das pessoas para integrar os seus três cérebros, e falava nestes termos, muito antes que a biologia houvesse estabelecido nossa condição tricerebrada. Além disso, afirmava que a integração entre os três âmbitos de nossa mente dependia de um quarto fator, além de pensar, sentir e desejar: um fator amortecedor que às vezes chamava de "eu verdadeiro" e outras vezes de "Ser". Hoje em dia, diz a neurobiologia que a integração entre os nossos três cérebros é dependente do córtex prefrontal, que é como um quarto cérebro cuja função integrativa se traduz em algo que podemos caracterizar como atenção ou consciência além do pensar, do sentir e do querer.

Se pensarmos em um triângulo e construirmos uma pirâmide sobre ele, podemos representar a triplicidade da nossa psique nos vértices da base triangular dessa pirâmide e considerar o vértice superior desta, uma representação deste quarto fator que reside em um plano diferente. Já que não é nada em si, e sim a integração de nossa psique tri-unitária, poderíamos conceber este quarto aspecto da mente (que não é propriamente uma quarta entidade, porque não é nada em si), como um local que contém a nossa alma tripla. E se a nossa mente compreende uma psique tri-personal no seio de um espaço transpessoal que é o campo de sua integração, uma espiritualidade integral deveria corresponder a esta estrutura – de pai-mãe-filho e espírito.

Com exceção de alguns místicos, que se elevaram até a esfera de uma espiritualidade muito além da personificação e dos atributos concebíveis pela mente conceitual, o mundo cristão tem procurado principalmente integrar duas destas áreas: a da devoção e a da compaixão. Mas, pode-se dizer que, apesar da importância do amor na mensagem cristã, o elemento devoção ao Pai, na prática, prevalece sobre o da caridade, e penso que, pelo menos, uma razão para isto é que o aspecto "*filial*" do espiritual tem sido sistematicamente inibido. O elemento do prazer, deleite e liberdade que a humanidade perdeu desde os primórdios da civilização não pôde ser castrado sem levar com ele algo assim como uma traição ao princípio materno. E, isto pode ser reconhecido pela observação comum de que é difícil amar ao próximo para alguém que carece do fundamento de um amor por si mesmo.

O espírito, muito além dos nossos três amores, corresponde à dimensão contemplativa da experiência que é, às vezes, chamada *gnosis* ou sabedoria. Esta tem sido conhecida vivencialmente pelos místicos mais profundos e buscada por todos aqueles que iniciam um caminho espiritual, uma vez que sempre os anima a

busca da verdade que é um desejo de compreender o “mistério” e tocar o “absoluto”. Mas creio que seja difícil conhecer o vértice superior da pirâmide sem o apoio de sua base tripla; por isso me parece que a consciência espiritual seja algo assim como uma bola de cristal que repousa sobre um tripé, que não pode sustentar-se sem as suas três pernas.

Claro que todos são atraídos para a felicidade, mas não acredito que temos no mundo civilizado uma liberdade saudável para gozá-la. Nisto, nossa situação é comparável à que se expressa na esfera sexual: acreditamos ser sexualmente livres no mundo moderno, mas a nossa liberdade é mais externa que interna, e um sintoma de nossa falta de liberdade é uma certa medida de “dependência” sexual. Por exemplo, não haveria pornografia no mundo se não houvesse em primeiro lugar repressão. Esta repressão é o que explica nossos excessos - que já foram tomados por expressões de liberdade, mas em sua maioria constitui, na realidade, seu substituto. Assim, na cultura contemporânea chegamos a acreditar que somos muito mais livres do que realmente somos. Pelo contrário, vivemos sob a compulsão de preencher-nos com algo que nos falta.

Mas, ao falar sobre o aspecto dionisíaco do espírito, que é a expressão de nossa criança interior, do aspecto materno e caritativo, do aspecto devocional que aspira ao que se intui como ideal ou potencial e do aspecto contemplativo que é o conhecimento dessa mente mais profunda da mente que, às vezes se tem chamado também de “não-mente”, não cobri ainda o que considero o espectro completo da experiência espiritual. Pois, se reunirmos devoção, compaixão, gozo e contemplação propriamente em si, não incluímos, ainda, um elemento de autoconhecimento que difere desse autoconhecimento metafísico dos contemplativos e sem dúvida é essencial para que nosso processo de desenvolvimento chegue a bom termo, no mundo emocionalmente contaminado em que vivemos.

Quando fui convidado pela primeira vez por Willigis Jaeger para dar esta conferência, que foi agora transformada neste capítulo, foi sugerido que eu falasse do "aspecto espiritual da vida" e minha primeira reação a isso foi a de pensar que seria mais apropriado falar do coração ou do miolo espiritual da vida do que de um aspecto da mesma.

Mas essa sugestão também me levou a perguntar-me sobre o aspecto *não* espiritual da vida. E me respondi que, sendo toda a vida intrinsecamente espiritual, seu aspecto não espiritual é aquele que poderíamos conceber como a *enfermidade* que afeta a vida, que é mais uma distorção desta e que poderia ser concebida como sua sombra: aquilo que a religião tem chamado *pecado* ou *a queda*, e que em termos mais abstratos podemos descrever como a sua condição degradada que se associa com a inconsciência assim como com a ignorância.

Temos nos tornado inconscientes, porque temos sido feridos, temos sofrido e não queremos voltar a sofrer, e podemos dizer que uma importante diferença entre a condição ordinária e empobrecida da mente e a condição sã a que aspiramos é uma atitude diferente diante da dor.

Tão apegados estamos ao prazer e tanto queremos evitar a dor que tais forças de aversão e atração nos distraem de nós mesmos. A dor, contudo, não só pode esmagar-nos, adormecendo-nos, mas também elevar-nos, tornando-se um fator despertador – dependendo apenas da nossa atitude.

Pois embora a dor seja geralmente deprimente, não o é necessariamente, e Freud já se referia a esta questão ao observar algo que muitas vezes é interpretado de uma maneira crítica, isto é, que a *psicanálise transforma em depressão neurótica o que é apenas um sofrimento comum*.

Assim recordo o que fez o Dr. Estanislau Grof na sua abertura do congresso de psicologia transpessoal, que se realizou em Mumbai durante a década de oitenta. Segundo seu parecer, a psicologia transpessoal, que se interessa em estados alterados de consciência que incluem o êxtase, vai mais longe do que pleiteia a limitada aspiração dos psicanalistas. Mas acho que dizer isso é ignorar a profundidade do que Freud implicitamente pleiteava – pois o sofrimento é intrínseco à vida humana, e ainda que seja possível a felicidade, tal felicidade (diferentemente do prazer) surge de uma capacidade de ver a dor de uma perspectiva diferente, desapegada.

Bem, uma coisa é o sofrimento e outra é a capacidade de sustentar o impulso amoroso frente ao sofrimento. Quando sofremos, muitas vezes nos desconectamos do nosso ser essencial, e é uma grande tentação a de fazermos todos os tipos de coisas possíveis para evitar o sofrimento. Podemos sentir-nos atraídos pela vingança, por exemplo, ou querer consolar-nos através de outras manobras que aprendemos durante a infância. E, embora vivamos principalmente sob a ilusão de sermos pessoas amorosas, é um fato comum o de que crescemos sob uma escassez de amor, e é raro encontrar alguém que não tenha sofrido uma tal carência durante a infância, pois esta se transmite através das gerações. E, é nosso mal aquele de não só ter aprendido a manipular e enganar-nos para satisfazer nossa sede de amor, como também o de havermos nos dedicado à busca do amor com tanto afã que ele chega a absorver as energias que poderíamos colocar na expressão desse nosso potencial amoroso.

Se a vida é o jogo recíproco de nossas três pessoas interiores e seus três amores, então a nossa vida parasítica, que é como a nossa sombra, é feita do jogo recíproco dos subprodutos do amor - tais como a necessidade de proteção ou dependência, a necessidade de admiração que chamamos narcisismo, a necessidade de ser objeto de desejo alheio ou as falsificações do amor que compensam a nossa incapacidade de amar. E não podemos deter o jogo desses nossos mecanismos destrutivos, porque nos falta a necessária consciência para isso; e não entramos em contato com o que nos sucede porque nos dói.

O autoconhecimento, então, é um purgatório de sofrimento necessário, e aceito que é necessário, ao processo de transformação. Felizmente, é de grande ajuda a boa companhia: o diálogo com alguém que tenha chegado um pouco mais longe no despertar de sua própria consciência. E isso é a essência da psicoterapia, ainda que um terapeuta, sempre o faça melhor do que um bom amigo. Ou um amante. Talvez

a melhor razão que possam encontrar os amantes em eleger um compromisso de uma vida em comum (já que o prazer não dura muito e as razões de conveniência levam a complicações) seja o de que o matrimônio é uma escola: uma situação de aprendizado inevitável.

Mas eu digo isso só a propósito de que o "caminho de descida", - que é o do autoconhecimento, é tipicamente dialógico. Porque ainda que seja certo que a vida humana já o é, e em cada uma das províncias da vida espiritual o buscador possa ser ajudado por alguém de mais experiência ou desenvolvimento, parece que este processo de purificação através do "insight" está tão ligado ao sofrimento que torna difícil ao indivíduo progredir sem apoio. A essência do processo, sem dúvida, é a compreensão da ilusão, do auto-engano, das pequenas idéias irracionais, dos pressupostos errados sobre a vida, sobre onde encontrar a felicidade e as distorções da vida emocional, através das quais o gozo se transforma em busca de prazer, a compaixão em dependência e a capacidade de devoção em narcisismo.

Assim como propusemos representar o âmbito da vida psíquica, na sua condição saudável como uma pirâmide de base triangular, podemos agora representar o âmbito da enfermidade como uma pirâmide invertida sobre a mesma base, e considerar o seu vértice como a representação do autoconhecimento psicológico que consegue penetrar na vida parasítica - simétrico ao autoconhecimento místico que representamos como o vértice superior. Correspondentemente, podemos conceber o mesmo eixo da dupla pirâmide, que liga os dois vértices, como uma representação do autoconhecimento muito além de seu desdobramento em autoconhecimento psicológico e autoconhecimento metafísico: a consciência neutra que entranha a potencialidade de tornar-se uma ou outra direção e que podemos considerar a chave para a integração das três pessoas interiores com os seus amores.

Embora, uma vez mais, eu me veja sem tempo suficiente para documentar o meu ponto de vista, formularei simplesmente minha convicção de que foi o triunfo da mente patriarcal, com a sua autoridade masculina violenta, o que, causando o desequilíbrio entre os nossos três cérebros, levou ao predomínio da razão sobre a sabedoria orgânica e sobre o amor materno, e que é no despotismo intrapsíquico do princípio paterno, na família interior das pessoas, que podemos encontrar as raízes da nossa desintegração.

Mas, só digo estas coisas, entre parênteses, sobre nossa condição degradada e enferma, como um prefácio para minha afirmação de que tal distorção da vida pode ser curada principalmente através do autoconhecimento. E ainda, que, embora ao final o insight psicológico exija uma atenção da mesma natureza daquela exigida pela contemplação, dirigir a nossa atenção em direção ao centro de nosso ser é uma coisa diferente de olhar para o aspecto escuro e doloroso da mente, que em certo sentido não é o nosso verdadeiro ser senão um ser falso: algo assim como um mundo fantasmal, que partilha, de alguma maneira, a natureza dos sonhos.

Tenho enumerado cinco coisas:

1. A religião da aspiração "em direção ao céu", expressão do nosso amor apreciativo que se move em direção aos ideais;
2. A religião da benevolência e da compaixão;
3. A religião (dionisíaca) das liberdades, liberação e entrega ao fluxo espontâneo da vida;
4. A religião da vacuidade que cultiva a neutralidade de que depende a harmonia entre as nossas três pessoas interiores;
5. A religião do autoconhecimento que entranha uma descida aos infernos da psicopatologia.

Naturalmente, o autoconhecimento não nos parece uma atividade espiritual, do ponto de vista dos nossos condicionamentos cristãos. Assim como o ideal dionisíaco da liberação e da entrega, é, hoje em dia, considerado mais terapêutico que espiritual, também a tarefa do ideal apolíneo do autoconhecimento se cultiva principalmente no campo da psicoterapia.

Mas não é irrelevante o fato de que Dionísio e Apolo tenham sido antigamente considerados deuses, e que presidiam sobre os mistérios. Além disso, a relevância conjunta da liberação "terapêutica" e da meditação, com seu cultivo do desapego "apolíneo" vem sendo implicitamente reconhecida pela cultura popular dos buscadores que seguem o seu próprio nariz, ao explorar as várias ofertas que se apresentam no mercado espiritual de nossa modernidade pluralista. Estes experimentam as combinações de tais ingredientes e vão, assim, encontrando, talvez, os suplementos que necessitam além de sua educação cristã original.

Esse foi o meu próprio caso. Posso dizer que fui um grande buscador, muito sedento durante grande parte da minha vida e isso me levou a integrar muitas práticas e ensinamentos na minha própria experiência. E não seria suficiente para mim só falar da experiência pessoal. Também devo considerar que faz uns 40 anos comecei a ensinar e o que tenho recolhido se ajusta exatamente ao esquema que vim lhes apresentar. E, embora não tenha começado com a intenção de tal projeto, aquilo que eu vinha fazendo emergia organicamente de minha própria experiência, e, agora posso representá-lo perfeitamente no mapa de uma dupla pirâmide em que o ápice representa a dimensão contemplativa, o vértice inferior a dimensão do autoconhecimento e o eixo central o despertar, ou a consciência propriamente dita.

Mas eu nunca fui o tipo de pessoa que diz "eu vou fazer isto ou aquilo" e, em seguida, começa um projeto inspirado por certa visão. Mas sim, atuo primeiro e descubro a seguir a visão que me guiou implicitamente. Assim como a história de Fátima, uma fiandeira que termina construindo tendas.

Esta é uma história sufi que conta da filha de um comerciante que foi enviada por seu pai para uma viagem marítima com uma carga de mercadorias e naufraga. É resgatada por um pescador em uma terra distante e aprende como ganhar a vida tecendo fios com os quais faz redes. É industriosa e prospera ao longo do tempo. Até que uma vez mais se encontra encarregada de uma carga – de redes e cordas desta vez. Uma vez mais naufraga. Também uma vez mais deve empreender uma

nova vida e agora aprende a tecer diferentes tipos de telas e se repete a história, uma vez mais quando perde tudo em um naufrágio deve começar do ponto zero.

Desta vez, é vendida como escrava e comprada por um fabricante de mastros que não só a trata amavelmente, mas ainda lhe devolve sua liberdade e a integra à sua família no seio da qual aprende a fazer mastros.

Mais uma vez tem a oportunidade de viajar encarregada de um carregamento e naufraga, e, desta vez as ondas a trazem a uma praia nas costas da China, onde é recebida com grandes atenções, porque existe lá uma expectativa, tendo em vista algumas lendas e um certo oráculo, de que vai chegar sobre as ondas uma mulher que sabe construir tendas. Assim é como a levam ao imperador que lhe pergunta se é verdade que pode fazê-lo. Ela disse "bem, eu sei fazer mastros, telas e cordas e sei como são as tendas" de modo que reunindo sua experiência resulta que, como em muitos contos de fadas, termina casando-se com o príncipe, a quem o imperador tinha-lhe previamente prometido a lendária pessoa.

Eu me sinto como se em minha própria vida tivesse vindo recolhendo coisas, primeiro por mim mesmo e, em seguida, por via de outros, e no final vejo que o conjunto que nasceu delas não só é algo bom, mas sim que é algo quase sem precedentes, em vista do quanto se sentem ajudadas as pessoas em um tempo tão curto.

Nos últimos anos eu tenho, não só me interessado pelo problema do mundo mas, também, compreendido pouco a pouco em que medida o responsável por isso é um certo tipo de educação que colocamos a serviço do complexo militar industrial, além de ter chegado à convicção de que não teríamos o mundo que temos se não fosse pela perversão desse nosso sistema educativo, que tão tragicamente tem negligenciado o desenvolvimento humano. Tenho, também, desejado que se possa transformar a educação no órgão para a evolução da consciência e da sociedade, que ela já poderia ser se não a tivéssemos posto a serviço do desenvolvimento industrial e financeiro.

Pensei: "Como poderia a educação tornar-se um meio para o desenvolvimento humano e, mais especificamente para o desenvolvimento da consciência?" E após assistir alguns congressos inspirados pelo desejo de mudança da educação, percebi que o trabalho que havia começado nas minhas reuniões com buscadores na Califórnia dos anos 70 e que posteriormente havia aplicado em vários países para a formação de terapeutas, poderia muito bem ser tudo que a esclerosada educação institucional necessitaria para dar aos professores o que até então vem sendo negligenciado pelas universidades: - um currículo de autoconhecimento, educação interpessoal, atenção à espontaneidade e cultivo da atenção.

Naturalmente, quando me dirijo aos professores não é de religião que eu falo, e até evito a palavra "espírito", já que esta, como "amor", tem sido proscrita tanto no mundo burocrático como no acadêmico.

Algo semelhante acontece com a psicoterapia: por mais que se saiba que as crianças chegam à escola com crescentes sinais de danos emocionais, o terapêutico

permanece sendo tabu, ou apropriado apenas para uma minoria de enfermos, como se não fosse relevante a todos.

Mas começa a acontecer. Na Espanha, na Itália e outros países, meu programa vai sendo acreditado como uma forma de formação de formadores, e entrevejo que sua aplicação a uma massa crítica de professores pode gerar um fermento que transforme esta instituição tão inerte. Se isto for possível, pode-se esperar que a educação alcance uma influência sobre a sociedade maior que a da psicoterapia e até mesmo da religião, que se vão tornando cada vez mais em vias privilegiadas para minorias; porque o tempo e a energia das pessoas são cada vez mais consumidos pelo mercado de trabalho, resultando, agora, mais certo do que nunca, que *"muitos são os chamados e poucos os escolhidos."* Bem, independentemente de vocação e talento, são muito poucos os que dispõem de tempo, da concentração e da energia para nadar contra a corrente, e é mais possível prevenir do que remediar os prejuízos.

Cheguei à convicção de que só a mudança da educação poderia mudar o rumo da história, porque, enquanto a condição do mundo piora, só uma mudança maciça da consciência poderia mudá-lo e não a política tradicional. Mas, de uma vontade política que ponha o serviço da evolução acima do "status quo", dependerá que possamos gerar tal desenvolvimento maciço da consciência no curto período de tempo que dispomos.

Existem no mundo de hoje algumas pessoas mais poderosas do que aquelas que governam as nações, já que as nações antes soberanas se tornaram marionetes dos poderes econômicos. Pessoalmente, eu sonho com que tais potentados compreendam que está em suas mãos o destino do nosso cada vez mais maltratado planeta. Justamente eles, que até agora tem contribuído para a prolongação de nosso mal global, poderiam tornar-se nossos salvadores se decidissem simplesmente colaborar com a instituição de uma educação holística e transformadora para pessoas completas.

Entretanto, sem saber se por acaso se realizará este sonho, coloco todas as minhas energias em meu trabalho. E embora o espiritual tenha estado mais implícito na forma como anuncio este trabalho, é inegável que ele tem consistido na implementação social da visão que acabo de descrever de uma espiritualidade integral. E a tal ponto tenho ocultado o aspecto espiritual do meu trabalho, atrás da linguagem permitida no ambiente secular das burocracias e da linguagem habitual da psicoterapia, que só em resposta à iniciativa que Willigis Jaeger, que me convidou para discutir o tema "espiritualidade para o terceiro milênio", cheguei a explicar que, não só abrigo uma concepção do que poderia ser um currículo integral de uma educação espiritual, mas ainda mais que tenho sido testemunha de sua aplicação bem sucedida através de muitos anos a milhares de pessoas.

O modelo bi-piramidal, de tal espiritualidade integral, que venho apresentando é só um corolário da estrutura da nossa mente, e, por causa dele, não posso dizer exatamente que tenha inventado algo, mas sim que explicitarei algo que os buscadores, em um mundo livre e imparcial, certamente descobrirão por sua

própria conta no decorrer do tempo. Suspeito, também, que o desenvolvimento de uma espiritualidade integral no mundo, já em curso, seja um bom augúrio para o nosso futuro coletivo.